

EXCLUSÃO SIMBÓLICA DAS PERIFERIAS E A CARTOGRAFIA ESCOLAR COMO MEIO DE INDEPENDÊNCIA DAS NEOCOLÔNIAS URBANAS

Mariana Covas Costa

UFF; marianacovas@id.uff.br¹

Marcos Thiago Da Costa Souza

UFF; mthiago@id.uff.br

Leonardo Lima

UFF; leonardolima0308@gmail.com

Resumo

Neste artigo, buscamos debater a forma que a colonialidade, constitutiva do sistema-mundo moderno-colonial, se materializa nas representações cartográficas. Nesse sentido, discutiremos as formas de exclusão simbólicas presentes nos mapas das áreas historicamente subalternizadas, demonstrando que a cartografia, construída como uma ferramenta puramente objetiva, é, na verdade, permeada por múltiplas subjetividades. Apresentaremos, também, outras possibilidades de representações cartográficas, que partem dos sujeitos dessas regiões periféricas e que podem surgir como uma possibilidade para a construção de um currículo que preze pela representatividade e inclusão dos estudantes.

Palavras-chave: mapas, exclusão, cartografia social, neocolônias urbanas.

SYMBOLIC EXCLUSION OF PERIPHERIES AND SCHOOL MAPPING AS MEANS OF INDEPENDENCE OF URBAN NEOCOLONIA

Abstract

In this article, we seek to debate the way that coloniality, constitutive of the modern-colonial world-system, materializes in cartographic representations. In this sense, we will discuss the symbolic forms of exclusion present in the maps of historically subordinated areas, demonstrating that cartography, built as a purely objective tool, is, in fact, permeated by multiple subjectivities. We will also present other possibilities of cartographic representations, which start from the subjects of these peripheral regions and that may emerge as a possibility for the construction of a curriculum that values the representativeness and inclusion of the students.

Keywords: maps, exclusion, social cartography, urban neo-colonies.

Introdução

¹ Artigo desenvolvido no grupo de pesquisa Artesanias Geográficas e Educacionais (AGE) da Universidade Federal Fluminense (UFF) e em parceria com o Laboratório de Humanidades (LABHUM) do Colégio Pedro II Campus Niterói-RJ.

A textualidade em tela operacionaliza a cartografia como potência de leituras espaciais múltiplas, no solo teórico descolonial, “cartografa” mapeamentos que negam espacialidades e outros que colocam a cartografia social como abertura para grafias contemporâneas. As reflexões convidam os professores de Geografia para produção de currículos com outras formas de cartografar. Em sala de aula, nas periferias, nas áreas rurais, nos quilombos, nas áreas ribeirinhas podemos desenvolver mapeadores para os recortes e escalas importantes para as comunidades. A cartografia oficial ainda se revela um estratégico documento de dominação territorial, enquanto as cartografias sociais traduzem as territorialidades de sobrevivência. Nesses embates, focamos na Cartografia Escolar.

No artigo Mapas em Deriva: imaginação e cartografia escolar, (OLIVEIRA JR. 2012) nos provoca a:

pensar sobre as possibilidades e potencialidades da ampliação das margens da cartografia escolar se e quando esta incorpora em seus estudos e práticas aquilo a que chamarei de dimensão expressiva da linguagem cartográfica, fazendo-a deslocar-se das dimensões comunicativa e informativa à qual ela atualmente se vincula quase que exclusivamente.

Assim, se para a cartografia “científica”, os mapas são representações gráficas da superfície terrestre que preservam as relações de proporcionalidade de acordo com a escala e que podem ser criados para atender às necessidades políticas, econômicas, militares ou pedagógicas, expressando ideias sobre o mundo, criadas por diversas culturas em épocas diferentes (ALMEIDA, 2004), fica evidente a necessidade de transgressões e invenções de atos de currículos para e com a cartografia escolar.

A legitimação da exclusão através dos mapas

Dentro do senso comum, de uma maneira geral, os mapas são vistos como a materialização do nível máximo de objetividade, retratando e traduzindo a própria realidade. Dessa maneira, o ato de mapear é visto como uma ação neutra em que todas as áreas são representadas de maneira uniforme.

Segundo Martínez (2009) “Um cartógrafo, se quiser, pode inverter os rumos do mundo”. Ou seja, a produção cartográfica atende aos interesses de quem a confeccionou, que cumpre seus objetivos determinados através do modo escolhido para a representação do espaço.

Ratificando essa ideia, Lacoste (1988) que, em “A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, aponta para o caráter estratégico e dominador

da “geografia dos estados-maiores”, tratando a cartografia como um instrumento carregado de interesses e capaz de atribuir diferentes imagens a um mesmo local.

Nessa perspectiva, pode-se afirmar que o mapa é seletivo. Suas representações privilegiam algumas regiões e excluem outras. A cidade é refletida de uma maneira somente, sendo ela uma representação elitista, racista e excludente, invisibilizando as áreas periféricas. Esse panorama descrito, dialoga com o pensamento descolonial, mostrando como a produção científica colabora com a manutenção das hierarquias raciais.

Para ilustrar essa discussão podemos utilizar como o exemplo os mapas da página a seguir, produzidos pela Riotur, órgão vinculado à Prefeitura do Rio de Janeiro e responsável pela promoção do turismo na cidade, as favelas não são representadas. As áreas que elas ocupam aparecem como “vazios cartográficos”, o que legitima a exclusão dessas regiões. Nessa perspectiva, percebe-se claramente o poder que os mapas possuem e a quem eles atendem. Os mapas representam, respectivamente, o Morro da Babilônia, o Morro dos Cabritos, o Morro Dona Marta, o Morro Santo Amaro e o Morro do Cantagalo. Sendo, na coluna da esquerda, os recortes referentes aos mapas da Riotur e, na da direita, as imagens de satélite do Google Earth.

Analisando os autores e destinatários desses mapas, percebemos a prática e o esforço de excluir e invisibilizar, para a população turística, os corpos constituintes das zonas periféricas, que são em sua maioria negros, atendendo aos interesses do capital.

Partindo da premissa de a hipótese do espaço sempre ter a sua representação atrelada a uma estratégia estar correta (LEFEBVRE, p. 32, 1972), essa iniciativa teria a finalidade de fortalecer certas relações de hierarquia dentro da estrutura social. Assumindo essa hipótese o espaço não seria um ponto de partida e nem um ponto de chegada e exerceria um ciclo de causa e efeito com a sociedade. Nesse cenário a representação do espaço seria uma reprodução das relações sociais desiguais e ao mesmo tempo tendo um fator que constrói uma relação social desigual. Dadas essas hipóteses e associações, torna-se mais compreensível a real necessidade de se repensar as formas de representação e representatividade, aplicando na cartografia princípios de inclusão e não de exclusão no processo de ensino.

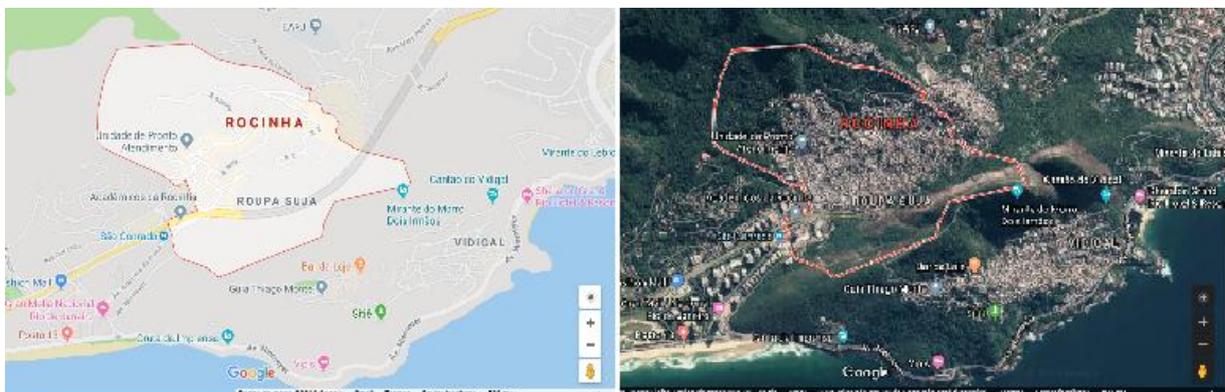
MAPAS DA RIOTUR E IMAGENS DE SATÉLITE DO GOOGLE



FONTE: Jornal O Globo (2017)

A invisibilidade construída pela Riotur também se faz presente nas imagens digitais do Google Maps, onde as favelas não são retratadas em sua complexidade, não tendo muitas de suas ruas e vielas cartografadas. A seguir estão disponíveis um recorte do Google Maps e, ao lado deste, um recorte das imagens de satélite do Google Earth, que apontam para a representação das favelas da Rocinha e do Vidigal, que ocorrem de forma extremamente simplificada e “esvaziada”, quando se compara com a ocupação real deste espaço.

COMPARAÇÃO DE RECORTES DAS FAVELAS DA ZONA SUL (RJ) PELO GOOGLE MAPS E GOOGLE EARTH



FONTE: Google Maps (2019)

Visto isso, fica evidente que a representação cartográfica vai além da produção de mapas e da representação das áreas, são escolhas que se fazem entre ilustrar ou não territórios e, por sua vez, corpos. Quando se é cartografado, se é visto. De acordo com a fala de Paulinho Otaviano, morador e Guia local no Santa Marta, retirada do documentário “Todo mapa tem um discurso”, de 2014, que materializa as consequências de não se ver no mapa:

“O fato de você não estar no mapa, pra mim é meio que, gera uma sensação excludente, entendeu? Que a gente não faz parte da cidade, que a gente não faz parte do roteiro tradicional” (Paulinho Otaviano).

A favela não é retratada pelos agentes oficiais. A não representação cartográfica das áreas subalternizadas, nos mapas oficiais, já traduz o discurso por trás dessa cartografia, pautada na exclusão e no racismo.

Outras formas de cartografar

Outras possibilidades de representações cartográficas, que partem dos sujeitos das regiões periféricas, são possíveis e se configuram como práticas que buscam a descolonialidade.

A cartografia social é uma alternativa que busca a criação participativa de mapas, na qual as pessoas marginalizadas são convidadas a compor, auxiliar e produzir os próprios mapas, ou seja, as próprias imagens acerca dos lugares que habitam. Nessas representações, a perspectiva de valorização utilizada sobre a área, é a dos moradores. Como nos traz:

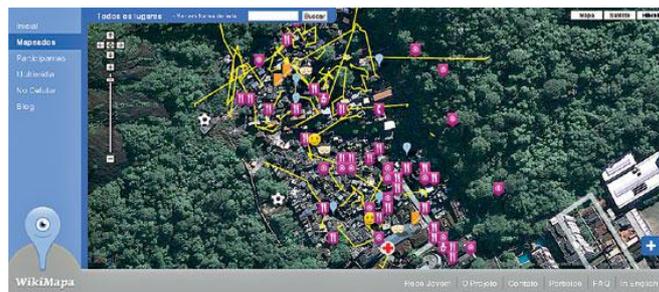
É importante, por essa razão, buscar caracterizar a natureza das tramas territoriais subjacentes às práticas de mapeamento, além da trama propriamente cartográfica em que estão envolvidos os distintos sujeitos dos mapeamentos, assim como da interação entre esses dois planos, o da disputa cartográfica e o da disputa territorial (ACSELRAD, 2010)

Temos como exemplo o Projeto Wikimapas, que teve início em 2009 com o objetivo de mapear as favelas do Rio de Janeiro, utilizando a tecnologia móvel somada ao uso de mapas virtuais, da base Google, para a produção de representações cartográficas colaborativas. Após a implementação desse projeto, as favelas deixaram de aparecer somente nos mapas da violência e criminalidade, o

que afastava muito as pessoas dessas áreas. A ideia central do projeto não fazer um mapa da favela, mas sim inserir a favela no mapa.

A dinâmica do projeto funcionava no sentido de identificar onde estavam localizados determinadas funções dentro da favela, como lojas, mercados, restaurantes e áreas de lazer. A imagem a seguir, retirada do site do Wikimapas, ilustra essa forma de representação cartográfica.

IMAGEM DO PROJETO WIKIMAPAS



FONTE: MundoGEO (2019)

Tendo em vista o objetivo e a metodologia, em que moradores da periferia fotografam os locais considerados importantes dentro das neocolônias urbanas (favelas), podemos considerar o Projeto Wikimapas como uma prática de cartografia social no formato digital. Logo, de certa forma, os mapas dessa plataforma são produzidos por favelados e para favelados.

Podemos pensar, também, em outras formas de registrar as áreas periféricas, que vão além da cartografia e se configuram pelo olhar descolonial. O Coletivo Dicampana é um projeto criado em 2016 por jovens fotógrafos de São Paulo que tem como objetivo desconstruir os estereótipos associados à favela por meio de fotografias. Como reitera o discurso do próprio coletivo:

“O cotidiano destas regiões, que abrigam milhões de pessoas, ultrapassa o estereótipo midiático reforçado por clichês e estigmas que cativam o povo. No entanto, a cultura, o lazer, a rotina e a vida do nosso povo é diferente. Às vezes, as pessoas têm dificuldade de entender na prática os efeitos colaterais da estereotipação da favela. Mas é só perguntar qual imagem vem na mente quando falamos favela, isto é, qual a visão a pessoa tem de favela? Geralmente, viram conflitos relacionados às drogas, tráfico, péssima infraestrutura urbana, lugar sujo. A favela tem seus problemas, entretanto o cotidiano na favela é muito mais que isso” (Coletivo Dicampana).

O artista João Gabriel da Motta, que trabalha, dentre outras técnicas, com a colagem, produziu uma outra forma de cartografia por meio de uma de suas colagens. Entendemos que a(s) cartografia(s) não se limitam aos modelos de mapas

tradicionais, se estendendo para as múltiplas formas de representação do espaço - que por sua vez são construídos pelas práticas sociais dos sujeitos que o fazem -, o que de fato é a sua principal função.

“PÁTRIA AMADA”, COLAGEM POR JOÃO GABRIEL MOTTA



FONTE: <http://joaodamotta.portfoliobox.io/colagens> (2016)

Acreditamos que essa forma de representação imagética acerca da realidade socioespacial do Brasil, pautada pela realidade dos povos subalternizados, pode sensibilizar e fazer com que muitos sujeitos se sintam mais representados por ela do que pelo próprio mapa político-administrativo do país, por exemplo. Dessa forma, além de mostrar que a cartografia não se resume ao mapa, buscamos através da arte, demonstrar que a ciência não é neutra, objetiva e universal, e que as possibilidades de produção a partir dos subalternizados são possíveis.

Considerações finais

A cartografia, como produção científica, está permeada de práticas constituintes da colonialidade do saber e do poder, que sustentam e vão ao encontro da manutenção do sistema-mundo moderno-colonial. Sendo assim, sabemos que a falta de representatividade nos mapas e a definição de “vazios cartográficos” são formas de exclusão e invisibilização de populações periféricas, práticas essas extremamente racistas e de raízes coloniais, que se traduzem em consequências drásticas para as vidas desses sujeitos.

Analisamos as formas de exclusão simbólicas presentes nos mapas das áreas historicamente subalternizadas do Rio de Janeiro, demonstrando que a cartografia, construída como uma ferramenta puramente objetiva, é, na verdade, permeada por múltiplas subjetividades, feita por sujeitos muito específicos e portanto não universal.

Desenvolver a cartografia na escola se configura em um desafio, já que, muitas vezes, os alunos não se veem nos mapas oficiais. A cartografia social nos dá a possibilidade de pensar os mapas através dos sujeitos, sendo possível, através dela, dar a oportunidade dos estudantes se sentirem representados. Acreditamos nas cartografias que fogem ao hegemônico e olham para os povos subalternizados como formas mais fiéis de representação da realidade, extravasando a ideia de cartografia somente enquanto produção de mapas, mas também como proliferação de sentidos pela arte.

Referências:

ACSELRAD, Henry. **Cartografias sociais e território** / Henri Acselrad (organizador).-- Rio de Janeiro : Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, 2008.

ALMEIDA, Rosângela. **Do desenho ao mapa: iniciação cartográfica na escola**/ Rosângela Doin de Almeida. 3. ed. - São Paulo: Contexto, 2004. - (Caminhos da Geografia).

LEFEBVRE, Henri. **Espaço e política**. Tradução Margarida Maria de Andrade e Sergio Martins - UFMG, 2008.

LACOSTE, Yves. **A geografia** – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra. Tradução Maria Cecília França – Campinas, SP: Papirus, 1988.

OLIVEIRA JR, Wenceslao Machado de, **Mapas em Deriva**: imaginação e cartografia escolar. Revista Geografares, nº12, p.01-49, Julho, 2012.

Como quebrar estereótipos da periferia a partir de imagens. NEXO. Disponível em: <www.nexojornal.com.br/expresso/2017/02/15/Como-quebrar-estere%C3%B3tipos-da-periferia-a-partir-de-imagens>. Acesso em: 21 mar.2019

Folheto da Riotur distribuído a turistas tira favelas da geografia da cidade. O GLOBO. Disponível em: <oglobo.globo.com/rio/folheto-da-riotur-distribuido-turistas-tira-favelas-da-geografia-da-cidade-21806418>. Acesso em: 21 mar.2019